

Mensagem Oficial do Ano Ibero-Americano das Artes Cénicas 2025

GEOGRAFIA DO ENCONTRO

Uma das primeiras coisas que aprendemos nas artes cénicas é ocupar o espaço. Aprendemos a saber com exatidão onde estamos, como começar, como nos mover e até onde chegar. Neste processo, entendemos que os nossos limites, essas linhas reais ou imaginárias, não somente demarcam a fronteira do que fazemos em cena, mas também do que somos capazes de imaginar. Porém, ocupar o espaço não é um ato solitário: é propiciar um encontro. Cada obra, cada gesto, cada palavra estende o palco para o público e reforça o sentido de comunidade. Na Ibero-América, as nossas cenas são espelhos de uma diversidade cultural geográfica que transcende fronteiras e reflete as vozes, as paisagens e as histórias de quem nos rodeia. Assim como na natureza, onde cada elemento dialoga com os demais para formar algo maior, em cena procuramos celebrar essa conexão, essa riqueza que surge do plural. Embora as interpretações sobre a evolução da vida sejam tão diversas quanto os caminhos da imaginação, podemos concordar que a diversidade foi sempre um sinal de crescimento e possibilidade.

O filósofo argentino Rodolfo Kusch falava sobre a diferença entre “ser” e “estar”. O “ser” procura o fixo e o universal, enquanto o “estar” reflete uma existência situada, mutável e em relação com o mundo. Nas nossas artes, essa distinção converte-se em oportunidade: ser em cena é estar em transformação; ser em cena é que eu seja em ti e que tu sejas em mim; ser em cena é habitar o múltiplo. Para quem faz teatro, dança, circo, artes vivas e participa na interdisciplinaridade, a cena é o espaço sem pressupostos, o mármore onde cabe qualquer forma: um lugar para pensar, para rir, para nos expor e para nos encontrar. É também um espaço onde o público não é um mero espectador, mas um participante que, com a sua presença, completa o mapa de significados que traçamos em conjunto.

Diversificar a cena é uma questão de representação, mas também um princípio fundamental para honrar a riqueza étnica, linguística, biológica, cultural, funcional, sexual e de género que atravessa as nossas sociedades. Eduardo Galeano dizia que “somos um mar de fogueirinhas”, e não há dois fogos iguais. Assim é a cena: um mosaico vivo em que cada corpo, cada voz e cada história enriquecem o todo. Perguntemo-nos, então, como podemos unir-nos, como as nossas chamadas podem encontrar-se e nutrir-se mutuamente. Sigamos criando, imaginando e celebrando o encontro, porque nessa diversidade não encontramos apenas abundância, mas também a fagulha que nos conecta e nos permite imaginar um amanhã mais digno.

Evelyn Price

Dramaturga, atriz, diretora de teatro e cineasta guatemalteca.

Esta obra está sob licença [CC BY-NC-SA 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/)